

RETRADUÇÃO, RETORNO E DESVIO

LA RETRADUCTION, RETOUR ET DETOUR

THE RETRANSLATION, RETURN AND DETOUR



Yves GAMBIER

Universidade de Turku

School of Languages and Translation Studies

Turku, Finlândia

orcid.org/0000-0002-1858-4281

gambier@utu.fi

Tradutores:

Ana Carolina FREITAS

Mestranda em Estudo da Tradução

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Comunicação e Expressão

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

anacarolzen9@gmail.com

Rodrigo D'Avila Braga SILVA

Doutorando em Estudo da Tradução

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Comunicação e Expressão

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

orcid.org/0000-0001-6650-1674

rodrigodavilabraga@gmail.com

301

Em homenagem a Antoine Berman

Dostoievski, Kafka, M. Lowry, Kundera, Freud, Hegel... foram retraduzidos (em francês) ou estão sendo. As versões anteriores continham falhas? Por que demoraram para revê-las?

Nossos conhecimentos do russo, do alemão... foram transformados? Lemos, interpretamos de outro modo os autores ainda postos entre os valores universais? Houve uma mudança no significado da noção de *fidelidade*?

Não faltam questões diante desses trabalhos refeitos, frequentemente justificadas porque as primeiras traduções são agora vistas como maculadas com tiques franco-franceses, que os originais foram de fato (muito) arrumados, domesticados às normas do *bom francês*... Um



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

simples ajuste, que explicaria o desinteresse geral por este fenômeno – incluindo a Tradutologia?

Retraduzir ou não

A **retradução** seria uma nova tradução, em uma mesma língua, de um texto já traduzido, na sua íntegra ou em parte. Ela estaria ligada à noção de reatualização dos textos, determinada pela evolução dos receptores, de seus gostos, de suas necessidades, de suas competências... Deve-se notar, no entanto, que o *Grand Robert* (edição de 1985) prefere atribuir à este termo o sentido de “tradução de um texto ele mesmo traduzido de uma outra língua”: a retradução seria então a etapa final de um trabalho realizado graças a um intermediário, à um texto-pivô. Esta segunda tradução – ou **tradução da tradução** – não é rara: ela permite o acesso às línguas-culturas pouco difundidas – por exemplo, uma obra em árabe egípcio traduzida em finlandês por meio de uma versão inglesa, um filme indonésio legendado através de um diálogo já adaptado em uma língua estrangeira... A interpretação simultânea por retransmissão (por exemplo, grego-francês-português) é outro exemplo.

302

Estes dois tipos de retradução se distinguem ainda da **retrotradução**, que consiste em traduzir novamente uma tradução para sua língua de partida, ao mergulhar de novo um texto em sua fonte para verificar as correspondências, a validade das escolhas feitas pelo tradutor (por exemplo: a tradução inglesa de um texto alemão, retraduzido em alemão).

Ou seja, ao abordarmos o fenômeno da retradução, não podemos deixar de questionar a sua relação com a revisão e a adaptação, elas próprias problemáticas quanto a sua denotação. Não haveria entre as três apenas uma diferença de grau nos retoques/transformações feitos no texto traduzido? Então teríamos um *continuum* do menor para o maior: da **revisão** (poucas modificações) para a **adaptação** (tantas modificações que o original pode ser entendido como um pretexto para uma redação diferente), passando pela retradução (muitas modificações, de tal forma que quase todo o texto precisa de ser revisto). Deve-se observar que, embora os três tipos declarem visar a uma comunicação mais *eficaz*, apenas a retradução combina a dimensão sociocultural com a dimensão histórica: ela implica em mudanças porque os tempos mudaram. Resta aprofundar ainda mais os laços: trata-se de uma tentativa para fazer as mesmas mudanças, os mesmos níveis de transformação? Um ajuste sintático ou estilístico... na revisão tem o mesmo peso, a mesma frequência que na retradução?

Isso significa que além das aparências, o conceito de retradução ainda precisa ser mais pesquisado, inclusive quanto à sua dimensão comercial: a *nova tradução* é um argumento de venda ao passo que uma tradução revisada é mais barata?

A retradução suscita uma série de questões – talvez porque “é um gênero polimórfico cuja multiplicidade potencial provém do polimorfismo da função, das funções, do tradutor” (RODRIGUEZ, 1990, p. 65):

- Por que um mesmo texto incita várias traduções? Trata-se muitas vezes de textos literários, mas não exclusivamente: textos religiosos (a Bíblia, por exemplo), textos filosóficos (Platão, Leibniz, Hegel...), textos de ciências sociais (Durkheim, Marx, Weber...), de história, de psicanálise... também têm segundas traduções.
- Por que algumas traduções envelhecem rapidamente enquanto outras perduram? As primeiras são mais do tipo pró-alvo, centradas nas normas da língua-cultura de chegada, enquanto que as outras seriam mais do tipo pró-fonte, literais (cf. PASANEN, 1990, sobre a versão *King James* da Bíblia, concluída em 1611)?
- A retradução ocorre nos mesmos termos, com a mesma acuidade de acordo com o gênero – romance em primeira pessoa, narrativa polifônica com vários registros de linguagem (GRESSET, 1990), poesia em prosa ou em verso...? No caso das peças de teatro (BENHAMOU, 1990), se fala frequentemente da *adaptação* (GAMBIER, 1992): então, a retradução se aplica a ela?
- E quanto às autotraduções (Strindberg, Nabokov, J. Green, Beckett...), os textos multilíngues (J. Joyce, E. Pound...): são retraduzíveis e em que condições?
- De uma tradução a outra, qual é o papel principal e dominante desempenhado pelo tradutor (RODRIGUEZ, 1990)? Seria ele, por vezes, o traidor de seu autor, o servidor de seus leitores; por vezes, o mensageiro do outro, da diferença em detrimento das convenções de recepção? Se, no final, a questão da retradução ainda é pouco discutida, é, sem dúvida, porque a da tradução ainda não terminou de ser debatida, desde ao menos o século XVI.

303

Retradução e Intraduzibilidade

A retradução trabalha com textos que já introduzidos na língua-cultura de chegada. A relação que o tradutor estabelece com estas primeiras versões mereceria uma dupla análise, baseada nos próprios escritos e nas opiniões dos tradutores, editores, leitores – de modo a

compreender até que ponto há um distanciamento em relação à primeira tradução e como são percebidas as diferenças de uma tradução para outra. Na ausência desta dupla análise, estamos ainda limitados a fazer hipóteses e suposições.

Assim, após Berman (1986; 1990), podemos argumentar que uma primeira tradução tende sempre a ser bastante assimiladora, a reduzir a alteridade em nome de imperativos culturais, editoriais: faz-se cortes, modifica-se o original em nome de uma certa legibilidade, ela própria critério de venda. A retradução nestas condições consistiria em um *retorno* ao texto-fonte. Pode haver, neste processo, uma ilusão parcial: não estaríamos de fato assumindo que o significado está depositado no texto de partida considerado como imutável? Esta visão logocêntrica do texto e a imanência de significados marca, de certa forma, por exemplo, o projeto de retradução de Freud – como se os tradutores pudessem se livrar de interpretações posteriores à própria obra, como se pudessem fazer uma leitura não ideológica, não cultural, de um significado supostamente estável. O equívoco dos primeiros tradutores seria superado pelas contestações dos segundos, em seus esforços para se aproximarem da fonte. De fato, esta aproximação propriamente dita é historicamente marcada: só é possível justamente porque já houve uma primeira tradução. A retradução é um retorno mal orientado, indireto: só se pode tentar uma nova tradução após um período de assimilação que permita julgar como inaceitável o primeiro trabalho de transferência. Proust, por exemplo, pôde ser retraduzido para o inglês porque houve uma nova edição (completa) dos textos e porque a escrita proustiana se aclimatou nas formas literárias aceitas. A retradução não é descoberta no sentido trivial da palavra; é, todavia, descoberta no seu esforço de reaproximação literal: ela descobre uma escrita encoberta pelas normas e pelas convenções da língua de chegada. Se há retorno, é através do desvio da primeira tradução, ela própria frequentemente trabalho de apropriação. A retradução liberta as formas cativas, restitui o significado, abre-se às especificidades originais, ao mesmo tempo que faz com que a língua de tradução funcione: retraduzir Apollinaire em finlandês significa finalmente perceber que o poeta não é finlandês, que não se inscreve na tradição local.

A retradução traz novas respostas às perguntas sempre feitas consciente ou inconscientemente pelo tradutor: o que entendo? (*cf. objection préjudicielle* [objeção prejudicial] de Ladmiral, 1979); o que posso traduzir? (*cf. quodité traductive* [quodidade tradutória] de Ladmiral, 1979). Essas respostas, que dão diferentes fronteiras à intraduzibilidade, dependem de vários fatores, como uma edição renovada do original, uma evolução nos meios de interpretação – graças à análise genética dos manuscritos, aos novos instrumentos teóricos da literatura, às abordagens sociológicas da recepção, etc. – uma

consciência linguística diferente que confere um prestígio diferente às línguas envolvidas, que percebe de forma diferente as variações e os níveis de língua, que redefine a *aceitabilidade* de tais formas, tais palavras, tais reviravoltas...

Nestas condições, o que se retraduz?

Há as retraduições visíveis que incidem sobre as partes iniciais suprimidas, atenuadas, passagens que foram anteriormente cortadas, censuradas. As retraduições podem assim ser parcialmente primeiras traduções...

Há retraduições que incidem sobre os contrassensos (por exemplo, *La plaisanterie* de Kundera), sobre as alusões atualizadas. E então as que retificam o *peso* do estilo da(s) tradução(ões) anterior(es), que (re)fixam o tom, o ritmo do original... Os elementos retraduzidos – provenientes de uma edição mais completa, das exigências dos receptores, da releitura do tradutor – permitem definir uma estratégia específica da retradução? Recobramos aqui a questão da relação do tradutor às versões que o precedem, feitas em tempos – senão em lugares – diferentes para leitores diferentes: apesar disso, se ela ocorre após a primeira tradução, ele não trabalha forçosamente a partir dela. A isso se junta sua relação com o original: sobre qual edição ele se debruça? Qual é o distanciamento no tempo deste original? Este último ponto deve ser tratado de maneira especial se a primeira tradução pôde ser realizada logo após a publicação do texto de partida, isto é, em condições e com limitações desconhecidas para a retradução.

305

Com o tempo...

Atividade sujeita ao tempo – tempo de recepção, duração do próprio processo, aceitabilidade datada do produto da transferência –, a tradução é sempre um ato inacabado, a ser refeito. Mas nem todas as traduções envelhecem no mesmo ritmo, no mesmo grau. Esta “temporalidade da caducidade e do inacabamento” (BERMAN, 1990, p. 1)¹ não afeta todas as traduções da mesma maneira: algumas transcendem a sua própria historicidade – são as “**grandes traduções**” (BERMAN, 1990, p. 3-4), necessariamente retraduições – entre as quais podemos citar a Bíblia de Lutero, o *Plutarque* de Amyot, a versão das *Mille et une nuits* de Galland, o *Homère* de Pope, o Shakespeare de Schlegel ou de Tieck, a *Antigone* de Hölderlin, o Milton de Chateaubriand, o Poe de Baudelaire...

Tanto apropriação quanto expropriação linguística, a *grande tradução* tornaria evidente as diferenças entre a língua-texto de partida e a língua-texto de chegada: em vez de ocultar o trabalho de transferência, o tornaria visível, para ser lido na própria tensão do contato interlinguístico. Ela seria definida pela textualização da estranheza. Marcadas pelos axiomas da

equivalência dinâmica, da *boa* tradução como aquela que não se *percebe* a tradução..., as teorias atuais da tradução (por exemplo, Nida, Vermeer, Seleskovitch...) não ajudam muito a compreender, a explicar o fenômeno da retradução, os sucessos das *grandes traduções*. Além disso, ainda ignoram as condições e as limitações de uma história da tradução.

Mesmo que esta história ainda esteja por ser feita, muitos exemplos de retraduições (para o francês), que mereceriam uma observação minuciosa, vêm à mente: Virgílio – tão traduzido nos séculos XVI e XVIII e até 1964 –, Dante, Shakespeare, Dickens, Swift...

Poderíamos então responder às seguintes perguntas:

- sobre a periodicidade e a frequência das retraduições;
- sobre os momentos críticos de retomada dos textos, dos autores – ou seja, de menor resistência ou de maior abertura da língua-cultura de chegada;
- sobre as motivações, as decisões de retraduzir e as transformações da língua, da cultura e da literatura receptora (com as teorias do discurso induzidas por estas transformações);
- sobre as estratégias, as questões e os efeitos destas novas traduções;
- sobre as suas características comuns, caso existam – particularmente no que diz respeito às concepções de equivalência, de fidelidade e de liberdade de tradução.

Voltando ao problema da temporalidade, uma pergunta não pode deixar de ser feita agora: a relação com o tempo é semelhante para o original e a sua tradução? A noção de diferença temporal tem o mesmo significado para ambos? Vimos que uma tradução comum, condicionada às normas de uma época, data rapidamente. Um texto fonte, por outro lado, não parece envelhecer – mas também aqui, ao que parece, deve ser feita uma distinção entre os textos: entre aqueles que vão no sentido da retórica estabelecida, que a reproduzem (por vezes *best-sellers*, rapidamente esquecidos) e aqueles que inovam, transgridem os hábitos de leitura, de escrita. Um mesmo texto pode, além disso, conter estes dois aspectos, conservador e inovador (cf. algumas narrativas de Kafka e de Joyce, por exemplo). Não podemos, portanto, opor o original e a tradução, na sua relação com o tempo (cf. TOPIA, 1990, p. 45-49). Nem todos os originais são *obras-primas*, assim como nem todas as retraduições são *grandes traduções*. Há originais – sem originalidade em si – assim como traduções que não duram muito tempo, presas na sua dependência dos cânones dominantes; há *obras-primas* assim como *grandes traduções* que são marcos na história dos intercâmbios culturais e literários. Esta *grandiosidade* é apenas uma definição institucional, refletida nas Academias, nos Panteões, nas

antologias, nos autores dos currículos escolares... ela é este esforço para movimentar as formas, para fecundar a língua, para reajustar as redes de sentido, os jogos de intertextualidade.

Um trabalho sobre o *corpus* ainda resta ser feito para melhor definir o conceito de retradução e o lugar enfim das traduções em uma dada sociedade: não se trata de simples textos secundários, em relação com o único sentido dos textos originais – tal percepção orientada à fonte, se não limitada a ela, equivale, muitas vezes a uma abordagem normativa, invisível às funções (econômicas, ideológicas, literárias) desempenhadas pela tradução. Qualquer estratégia de tradução implica um projeto, um pacto, um contrato, isto é, uma resposta às perguntas: quem traduz, porquê e o quê, com quais intenções, declaradas ou não? Realizada em e por um conjunto de decisões, a tradução deve servir ao autor e estar ao serviço de seus leitores. É esta dupla obediência que faz a originalidade do trabalho do tradutor, em simbiose com o texto a traduzir e as tradições de sua comunidade, possuída pelas suas línguas e capazes de as subverter. Ao refletir sobre a retradução, um último exemplo vem à mente: o dos originais que se dão como traduções (**pseudotraduções, traduções fictícias**) – procedimento bastante comum na história literária... Recordemos Cervantes (*Don Quixote*), Montesquieu (*Les Lettres persanes*), Voltaire (*Candide*), Mérimée, Pierre Loüys, B. Vian (*J'irai cracher sur vos tombes*), Tolkien, Borges, L. Sciascia, J. Cela, U. Eco (*Le nom de la rose*), etc. Como retraduzir estes textos, no duplo sentido da palavra?

307

Estas linhas foram redigidas quase na mesma época da morte de A. Berman (22 de novembro de 1991). Elas se devem em grande parte a ele. Por isso, elas lhe são dedicadas – em homenagem à sua generosidade e ao seu não-conformismo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao autor, professor Yves Gambier, ao editor-chefe do periódico META, Professor Georges Bastin, e à diretora de produção e administração de *Les Presses de l'Université de Montréal* (PUM), Sandra Soucy, por autorizarem a tradução do artigo *La retraduction, retour et détour* para o português do Brasil e sua publicação no periódico *Belas Infieis*. Abaixo a referência do artigo *La retraduction, retour et détour*:

Gambier, Yves. La retraduction, retour et détour. *Meta*, Montréal, v. 39, n. 3, 1994, p. 413–417. DOI : <https://doi.org/10.7202/002799ar> Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/1994-v39-n3-meta186/002799ar/> Acesso: 5 set. 2020.

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas bolsas de mestrado e doutorado concedidas aos tradutores pelo Programa de Excelência Acadêmica. O tradutor Rodrigo D'Avila Braga Silva agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado sanduíche a ele concedida pelo Programa Institucional de Internacionalização (CAPES-Print Processo n° 88887.465676/2019-00) para estadia de pesquisa na *Université de Montréal*, Canadá, no período de fevereiro a agosto de 2020 sob supervisão do Professor Georges L. Bastin.

REFERENCIAS²

ATLAS, Association Pour La Promotion de La Traduction Littéraire. Acte n° 4: 4e. assises de la traduction littéraire. *Association Pour La Promotion de La Traduction Littéraire – Atlas*, Arles, p. 66-88, nov. 1987. Actes sud (Três ateliês sobre a retradução com o inglês, o alemão e o português). Disponível em: <https://www.atlas-citl.org/recherche-actes-des-assises/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

308

ATLAS, Association Pour La Promotion de La Traduction Littéraire. Acte, n° 5 - Traduire Freud: la langue, le style, la pensée. *Association Pour La Promotion de La Traduction Littéraire – Atlas*, p. 69-156, nov. 1988. 5^{ème} Assises. Disponível em: <https://www.atlas-citl.org/recherche-actes-des-assises/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

ATLAS, Association Pour La Promotion de La Traduction Littéraire. Acte n° 7. *Association Pour La Promotion de La Traduction Littéraire – Atlas*, nov. 1990. La retraduction (de Proust, de Dickens), um dos temas principais deste Assises. Disponível em: <https://www.atlas-citl.org/recherche-actes-des-assises/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

BENHAMOU, Anne-françoise. Quel langage pour le théâtre ? (À propos de quelques traductions d'Othello). *Palimpsestes*, Paris, n. 4, p. 9-31, 1 set. 1990. OpenEdition. DOI: <http://dx.doi.org/10.4000/palimpsestes.599>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/599>. Acesso em: 16 jun. 2020.

BERMAN, Antoine. La traduction et la lettre – lointain. In: BERMAN, Antoine. *Les Tours De Babel: Essais Sur La Traduction*. Mauvezin: Trans-Europ-Repress, 1985. p. 35-150

BERMAN, Antoine. La retraduction comme espace de la traduction. *Palimpsestes*, Paris, n. 4, p. 1-7, 1 set. 1990. OpenEdition. DOI: <http://dx.doi.org/10.4000/palimpsestes.596>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/596>. Acesso em: 16 jun. 2020.

BOURGUIGNON *et al.* *Traduire Freud*. Paris: Puf, 1989. 380 p.

DROIT, R.-P. Comment traduire Hegel ?, *Le Monde*, 11 octobre 1991 (sobre a retradução de *La phénoménologie de l'Esprit*, de J.-P. Lefebvre), 1991.

GAMBIER, Yves. L'échange de langue, Actes du colloque *Langage et Praxis*, Montpellier, 24-26 mai. 1990.

GAMBIER, Yves. Adaptation : une ambiguïté à interroger. *Meta: Journal des traducteurs*, Montréal, v. 37, n. 3, p. 421, 1992. DOI: <http://dx.doi.org/10.7202/002802ar>. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/1992-v37-n3-meta337/002802ar/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

GRESSET, Michel. Retraduire, (re)mettre en scène. *Palimpsestes*, Paris, n. 4, p. 33-44, 1 set. 1990. OpenEdition. DOI: <http://dx.doi.org/10.4000/palimpsestes.601>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/601>. Acesso em: 16 jun. 2020.

HUMANISTIC DILEMMAS: *Translation in the Humanities and Social Sciences*. Colóquio realizado na Universidade de New York em Binghamton, 26-28 set. 1991.

LADMIRAL, Jean-René. *Traduire : Théorèmes pour la traduction*. Paris: Payot, 1979. 277 p.

MESCHONNIC, Henri. *Pour la poétique II. Épistémologie de l'écriture poétique de la traduction*. Paris: Gallimard, 1973. (em especial, p. 305-454).

MESCHONNIC, Henri. Traduire la Bible, de Jonas à Jona. *Langue Française*, Paris, v. 51, p. 35-52, 1981. PERSEE Program. DOI: <http://dx.doi.org/10.3406/lfr.1981.5096>. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1981_num_51_1_5096. Acesso em: 16 jun. 2020.

309

PALIMPSESTES. *Retraduire*. Publications de la Sorbonne Nouvelle, Paris, n° 4, 1990.

PASANEN, Marc. *Survival in Translation*. Apresentação no 12° Congresso da Federação Internacional de Tradutores, Belgrado, 1990.

RODRIGUEZ, Liliane. Sous le signe de Mercure, la retraduction. *Palimpsestes*, Paris, n. 4, p. 63-80, 1 set. 1990. OpenEdition. DOI: <http://dx.doi.org/10.4000/palimpsestes.604>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/604>. Acesso em: 16 jun. 2020.

SCIALOM, Marc. La traduction de la *Divine Comédie*, baromètre de sa réception en France ?. *RLC (Revue de littérature comparée)*, Paris, n. 2, abr. / jun. 1989-1991, p. 197-207.

TOPIA, André. Finnegans Wake : la traduction parasitée. *Palimpsestes*, Paris, n. 4, p. 45-61, 1 set. 1990. OpenEdition. DOI: <http://dx.doi.org/10.4000/palimpsestes.602>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/593>. Acesso em: 16 jun. 2020.

¹ Texto já traduzido para o português e disponível no link abaixo: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p261/34078> (N. de T.)

² As referências bibliográficas do artigo foram convertidas para as regras da NBR 6023/2018 e incluímos os links de acesso daquelas que se encontram digitalizadas e disponíveis na internet. (N. de T.)

NOTA DO AUTOR

Yves GAMBIER – Professor emérito da *University of Turku*, Finlândia, onde foi professor de Tradução e Interpretação de 1973 a 2014. É professor visitante em diversas universidades. Doutor em Linguística pela *Université de Rouen*, França. Sua pesquisa tem se concentrado em socioterminologia (desde 1976), Estudos de Tradução (desde 1977), Análise do discurso (desde 1978), bilinguismo na Finlândia (desde 1984), educação bilíngue precoce (desde 1989), tradução audiovisual (desde 1991), formação de tradutores e intérpretes. É membro de conselhos editoriais de periódicos acadêmicos como *Babel*, *Hermeneus*, *MonTI*, *Target*, *Terminologia*, *Sendeban*, *Hermeneus*, *Synergies*, *TTR* e o coeditor da *Translation Studies Bibliography* (TSB) e do *Handbook of Translation Studies* (HTS), ambos online. É editor-chefe da *Benjamins Translation Library*. *University of Turku*, *Department of French, School of Languages and Translation Studies*. Turku, Finlândia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1858-4281>

Página institucional: https://research.utu.fi/converis/portal/Person/976336?auxfun=&lang=en_GB

E-mail: gambier@utu.fi

NOTA DOS TRADUTORES

Ana Carolina de FREITAS – Mestranda em Estudos da Tradução. Graduada em Pedagogia (2018) pelo Centro Universitário Internacional. Licenciada (2012) e Bacharel (2007) em Letras/Francês pela Universidade Federal de Santa Catarina. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8192-0962>

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/8138817121719531>

E-mail: anacarolzen9@gmail.com

Rodrigo D’Avila Braga SILVA – Doutorando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Estudos da Tradução (2016) e Bacharel em Letras - Tradução/Francês (2015) pela Universidade de Brasília. Bacharel em Relações Internacionais (2006) pela Universidade Católica de Brasília. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6650-1674>

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/1746993519090773>

E-mail: rodrigodavilabraga@gmail.com